

## RESENHA: Dialogando com o passado, construindo o futuro

*Marineide de Oliveira Gomes*

*Amabelle Silva Paschoim*

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Brasil

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezato (Orgs.).

*Pedagogias(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

---

*Pedagogia(s) da Infância: dialogando com o passado: construindo o futuro*, obra organizada por Júlia Oliveira-Formosinho, Tizuko Morchida Kishimoto e Mônica Apezato Pinazza, traz contribuições relevantes e significativas para a história da educação e da educação infantil.

Em tempos de reprodução de modelos e modismos assumidos acriticamente por muitos educadores e de busca por uma perspectiva de educação da infância, a obra se reveste de fundamental importância ao revisitar teorias e pensadores do passado, que estão presentes em muitas propostas e experiências pedagógicas para a infância no mundo e no Brasil, anunciando caminhos férteis para perspectivas futuras de Pedagogia(s) da Infância.

O projeto de elaboração da obra surgiu do princípio de que a Pedagogia, sendo um produto de construção sócio-histórica, está em um contínuo processo de (re)construção. Sendo assim, para que essa (re)construção ocorra, é necessário fazermos uso da rica memória pedagógica para recriar e construir novas pedagogias para o presente e para o futuro. Partindo dessa idéia, o livro efetua um diálogo com grandes autores da primeira metade do século XIX e do século XX, procurando demonstrar “o movimento próprio da Pedagogia: desconstrução-reconstrução”.

Os autores com os quais o livro dialoga são: Fröebel, Dewey, Montessori, Freinèt, Piaget, Vygotsky, Bruner e Malaguzzi. Esses autores trazem idéias e imagens novas de criança, de adulto, de professor, de desenvolvimento infantil e de ensino-

aprendizagem. Suas idéias tornam-se, portanto, um campo fértil para a elaboração de uma Pedagogia ou de Pedagogias diferenciadas para o século XXI.

Trata-se de uma coletânea de textos cujos autores brasileiros e portugueses dialogam com o passado e apresentam a vida, as principais idéias e as contribuições desses pensadores para a sinalização de novas Pedagogias da Infância. Para que o leitor possa ter uma maior visibilidade dessa importante obra, apresentamos as principais questões abordadas nos diferentes textos.

O livro inicia com o capítulo: “Pedagogia(s) da Infância: reconstruindo uma práxis de participação”. Neste, Júlia Oliveira-Formosinho procura contribuir para a construção de uma Pedagogia baseada em uma práxis alicerçada em crenças, teorias e ações na forma de um movimento triangular que conduz a processos reflexivos contínuos. Para a autora “ser profissional reflexivo é fecundar antes, durante e depois a ação, as práticas nas teorias e nos valores, interrogar para ressignificar o já feito em nome da reflexão que constantemente o reconstitui” (p. 14).

Além disso, a autora apresenta e compara dois modos de fazer Pedagogia: a Pedagogia da Participação que é valorizada pelo fato de estar fundamentada nessa práxis e em constante processo interativo de diálogo com a sociedade, com as crianças e suas famílias; e a Pedagogia da Transmissão baseada no modo tradicional de fazer Pedagogia e centrada no conhecimento que se deseja transmitir, ignorando os contextos e os sujeitos envolvidos no processo de veiculação de saberes.

No texto é apresentado também um confronto entre esses dois modos de fazer Pedagogia a partir de John Dewey, com o objetivo de afastar qualquer incompreensão acerca do que é uma educação não-tradicional.

É importante ressaltar que a autora expõe algumas tarefas para os envolvidos com a educação da infância, que segundo ela, são centrais na Pedagogia de Participação, entre essas tarefas está a escolha de gramáticas pedagógicas, um modo de saber-fazer para fundamentar a práxis que pode ampliar/potencializar conhecimentos (janelas) ou limitá-los (muros). No decorrer do texto Oliveira-Formosinho argumenta sobre a importância dos contextos e, no caso da escola, um contexto social de atores que partilham metas e memórias e que constroem intencionalidades educativas. No decorrer do texto discorre sobre cada uma dessas tarefas e finaliza afirmando a importância dos educadores adotarem algum modelo pedagógico e a necessidade de pertencerem a um coletivo de educadores, como garantias para sustentação da sua autonomia docente, constituídos em comunidade de aprendizagem, uma maneira de entender processos de formação continuada que permita recriar uma cultura profissional e uma epistemologia da prática congruentes.

A Pedagogia da Infância insere-se, segundo Oliveira-Formosinho, num mundo de interações orientadas para projetos colaborativos em um contexto promotor da participação, entendendo que sujeito e contexto unificam-se no âmbito da cultura. Salienta que os processos principais de uma Pedagogia da Participação são: a observação, a escuta e a negociação, que conduzem à diferenciação pedagógica: “uma base para desenvolver um fazer e um pensar pedagógico que fogem à fatalidade” (pg.29).

Em: “Fröebel uma Pedagogia do brincar para a infância”, Tizuko Morchida Kishimoto e Mônica Appezzato Pinazza apresentam ao leitor um significativo panorama da vida e da obra do filósofo e educador alemão Friederich Fröebel, o fundador do primeiro jardim-de-infância na Alemanha e também o primeiro educador a enfatizar o brinquedo e a atividade lúdica como instrumentos essenciais no desenvolvimento da criança pequena e da linguagem.

As autoras analisam a Pedagogia de Fröebel que está fundamentada em sua Lei de Desenvolvimento Humano: a lei das conexões internas (unidade entre Deus, Homem e natureza). A essência dessa Pedagogia é a idéia de auto-atividade e liberdade, a educação deve basear-se na evolução natural das atividades da criança e estar, necessariamente, relacionada à vida. Kishimoto e Pinazza destacam também a educação e o cuidado para crianças menores de três anos de idade e a formação do professor que Fröebel propõe com ênfase nas linguagens do brincar, além da consideração da palavra e do desenho como formas de representação. Alertam ainda para a importância da relação adulto-criança, e a necessária crítica por parte dos educadores a respeito de práticas e de interpretações, por vezes, equivocadas da Teoria Froebeliana.

Em: “John Dewey: inspirações para uma Pedagogia da Infância”, de Mônica Appezzato Pinazza, realiza um encontro com a obra do filósofo americano Dewey e apresenta o conceito de experiência no qual a Pedagogia Deweyana está assentada, o conceito de pensamento reflexivo, no qual o filósofo propõe a formação reflexiva tanto da criança como do professor e o conceito de educação como processo social e democrático. A autora demonstra que, o filósofo defende uma educação progressiva assentada na conexão entre a experiência primária e a experiência mais elaborada e defende uma educação baseada na investigação protagonizada pela própria criança, tornando-a sujeito de seu próprio conhecimento (o aprender-fazendo). Finaliza o texto afirmando que é necessário reconhecermos as “fontes inspiradoras” do passado para que realmente tenhamos construir novas Pedagogias da Infância com as grandes contribuições deixadas por Dewey. Nesse aspecto as concepções sobre reflexão e investigação na formação do professor têm nesse autor uma fonte inspiradora.

Em: “Maria Montessori: uma mulher que ousou viver transgressões”, por Maristela Angotti, apresenta a vida e as sofridas conquistas alcançadas pela primeira mulher da Itália a obter o diploma de médica e que, com muita ousadia enfrentou o fascismo e lutou a favor dos direitos das mulheres e das crianças.

A autora apresenta também alguns conceitos da Pedagogia Científica de Montessori. O princípio básico que sustenta essa Pedagogia está na organização de um ambiente adequado e motivador, que possibilita à criança educar os sentidos, a despertar para a vida intelectual e se preparar para a vida prática. O desenvolvimento dos sentidos é visto como sendo a base para toda educação. Angotti conclui afirmando que é inegável a riqueza e a contribuição educacional deixada por Montessori, pois ela estabelece elementos, principalmente a respeito da criança, que devem ser utilizados para a elaboração de uma nova educação para as crianças pequenas.

Em: “Maria Montessori: infância, educação e paz”, Joaquim Machado de Araújo e Alberto Filipe Araújo analisam, de maneira específica, as principais idéias da perspectiva educacional de Montessori, os princípios que as sustentam como a individualidade, o conceito de auto-educação, fundamentado na liberdade e no conceito de normalização e a contradição que ela estabelece entre o mundo do adulto e da criança. Além disso, fazem uma análise da natureza mitológica do discurso educativo e da concepção de criança da Pedagogia de Montessori, afirmando que ela é marcada pela visão cristã de infância.

Em: “Freinèt e a Pedagogia – uma velha história muito atual”, Marisa Del Cioppo Elias e Emília Cipriano Sanches, apontam o contexto político, cultural e social em que viveu o educador francês Célestin Freinèt e sua formação e engajamento políticos. Apresentam a proposta inovadora da Pedagogia de Freinèt: uma nova organização de escola e um novo modelo de gestão, de espaço e de tempo, com a abolição da seriação, das divisões das disciplinas e de um programa anual. Analisam ainda a questão do trabalho na Pedagogia Freinetiana, que é apresentado como uma atividade séria que se distingue do jogo e das brincadeiras. São elencados também os princípios da filosofia educacional de Freinet sintetizados no “Código de Educação”. Elias e Sanches reconhecem que a reflexão sobre a Pedagogia Freinetiana da infância promoveu uma desconstrução crítica acerca da dimensão social da educação, lançando luzes sobre os processos de

aprendizagem pela criança, sobretudo devido à importância do trabalho criativo.

Em: “Celéstin Freinèt: trabalho, cooperação e aprendizagem” novamente os autores Joaquim Machado de Araújo e Alberto Filipe Araújo analisam, por outro ângulo, a obra de Freinèt, no contexto educacional da época, apresentando o movimento de renovação pedagógica desenvolvido por sua proposta educacional na valorização das técnicas educativas e na proposição de uma nova escola para o povo trabalhador: a Escola-Oficina. Relevam nessa teoria a importância do trabalho escolar como práxis docente, da expressão livre e a imprensa escolar. Para os autores, a grande contribuição de Freinèt para a educação “está na sua proposta de metodologia da escola e das aulas e no compromisso do professor com o contexto social” (p.188).

Em: “As contribuições da teoria de Piaget para a Pedagogia da Infância”, de Fátima Vieira e Dalila Lino, analisa a obra do biólogo e psicólogo suíço Jean Piaget, destacando os seus principais conceitos de epistemologia genética, os processos de construção do conhecimento e a teoria do desenvolvimento da moral na criança. Vieira e Lino enfatizam que o autor nunca foi e nem pretendeu ser pedagogo, mas reconhecem que sua teoria apresenta importantes conceitos para a Pedagogia da Infância como, por exemplo, a noção de construção de conhecimento e o papel ativo da criança nessa construção.

Em: “Vygotsky: uma abordagem histórico-cultural da educação infantil”, Alessandra Pimentel faz uma análise da teoria histórico-cultural desenvolvida por este autor e seus companheiros Luria e Leontiev. Vygotsky buscava por meio dessa teoria a compreensão do desenvolvimento do psiquismo humano e tentava articular informações dos diferentes componentes que integram os processos mentais: neurológico, psicológico, lingüístico e cultural. No decorrer do texto, Pimentel apresenta algumas implicações do jogo no desenvolvimento cognitivo da criança, focando a sua análise nas relações existentes entre aprendizagem e desenvolvimento, procurando demonstrar a importância da brincadeira lúdica no desenvolvimento da linguagem, na criação de Zonas de Desenvolvimento Proximal e, principalmente, na relação ensino-aprendizagem.

Em: “Brincadeiras e narrativas infantis: contribuições de J. Bruner para a Pedagogia da Infância”, Tizuko Morchida Kishimoto, além de traçar algumas concepções principais da teoria do autor, apresenta uma das grandes contribuições de Bruner para a educação infantil que é o desenvolvimento da representação da mente narrativa pela brincadeira, apresentando o valor que Bruner atribui às histórias de contos de fadas que auxiliam a criança na organização do pensamento por meio da “categorização” e a sua proposta de educação para a equidade. Conclui afirmando que Bruner é um dos gigantes do século XX que, ao desenvolver uma Pedagogia sócio-construtivista, propôs mudança nos conceitos educacionais, em especial, pela importância que atribuiu à escuta das múltiplas vozes da criança.

Em: “Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas”, Ana Lúcia Goulart de Faria analisa a Pedagogia da Infância do italiano Malaguzzi, levada a efeito na região da Reggio Emilia (situada ao norte da Itália). Segundo a autora, a Pedagogia de Malaguzzi é uma Pedagogia inovadora, criativa que valoriza as múltiplas relações e as diferentes linguagens da criança e que tem na arte, o seu fundamento e na equidade, sua finalidade. Para Faria: “o trabalho coletivo na rede pública, com professores especializados “em normalidade”, garante para as crianças, parafraseando Marx, as “condições dadas” para elas fazerem história.” (p. 286). A autora reproduz também “Uma carta dos três direitos”, redigida por Malaguzzi, que apresenta direitos diversos, mas complementares, da criança, dos pais e dos educadores e que fundamentam a gestão social, participativa e ativa em instituições de educação infantil daquela região, acentuando que os direitos das crianças não estão dissociados dos direitos da família e da efetiva cidadania.

Em: “Anônimo do século XXI: a construção da Pedagogia Burocrática”, João Formosinho e Joaquim Machado Araújo apresentam a “Pedagogia Burocrática” pensada como “Pedagogia Ótima” fundamentando-se no caráter legal das normas e regulamentos oficiais que serviram e servem para despersonalizar as atividades dos professores e o trabalho pedagógico desenvolvidos na instituição escolar. Segundo os autores não é possível identificar um autor como personagem individual para essa Pedagogia, mas afirmam que o “autor anônimo” está

presente nos níveis centrais de administração da educação e nas diferentes formas de controle do trabalho pedagógico. Além desses aspectos, eles apresentam a burocracia inspirada em Max Weber, a decisão do sistema de ação burocrática e a imagem de criança, professor e de escola que a “Pedagogia Burocrática” apresenta, lançando às margens as propostas e práticas pedagógicas alternativas.

A obra sinaliza perspectivas e orienta educadores e pesquisadores interessados em revisitar as inspirações teóricas dos autores analisados. Parafraseando Horckheimer (1978) “não se trata de conservar o passado, mas de resgatar as esperanças do passado”. Tempos e esperanças históricos que se entrecruzam nos princípios e concepções que têm em comum o respeito e a valorização dos direitos das crianças como produtoras de cultura e sujeitos capazes, desde o nascimento. Consideramos que mais do que o “dom”, condições preexistentes que a concepção inatista apregoou para o desenvolvimento infantil, trata-se hoje de criar o “dão” (o dar, o criar, o construir condições) para a efetiva possibilidade de fruição e recriação dos direitos da infância e dos educadores que se dedicam a esse segmento etário, condições essas fundamentais para a emergência de novas Pedagogias.

Recebido em 29/03/2007.

Aceito para publicação em 29/08/2007.

Endereço para correspondência:

Profa. Dra. Marineide de Oliveira Gomes.  
FFCLRP/USP - Depto. de Psicologia e Educação.  
Av. Bandeirantes, 3900, Monte Alegre. CEP 14040-901. Ribeirão Preto-SP, Brasil. E-mail: [marineide@usp.br](mailto:marineide@usp.br)

*Marineide de Oliveira Gomes* é Doutora em Educação e Professora Doutora do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

*Amabelle Silva Paschoim* é estudante do curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e bolsista do Programa “Ensinar com Pesquisa” desta mesma universidade.